



PANDORA

INFORMATIVO APERIÓDICO DO C.A.F. (COLETIVO ANARCO-FEMINISTA)

NE03 ANO 1 Set./1993-Caixa Postal 117 - cep 07111 - 970

Queilhos - SP

O número 3 foi mais difícil do que o 2 que foi mais ainda que o 1, mas...ESTA AI e isso o que importa, sem lamentações e com muita vontade de levar nosso trabalho em frente, só pedimos aos leitores que puderem, para que nos enviem selos para as postagens.

O Pandora é como uma semente que cresce e toma novas formas, nessa edição você vai encontrar um pouquinho de alguma coisa que vai pegar você...temos colunas diferentes, idéias diferentes, mas sempre com uma postura anarco-feminista de que acreditava realmente numa mudança. E como anarquistas, não somos auto-suficientes, precisamos de ajuda/apoio e solidariedade de nossas/os companheiras/os, mande-nos recortes, charges, revistas, etc., tudo que vocês acharem que poderá nos ajudar em nossa luta, não permaneçam omissos, não se fechem em guetos, essa luta é de todos nós.

Bem unidos façamos
dessa luta final
uma terra sem anos
a internacional...
Abraços feministas

CAF

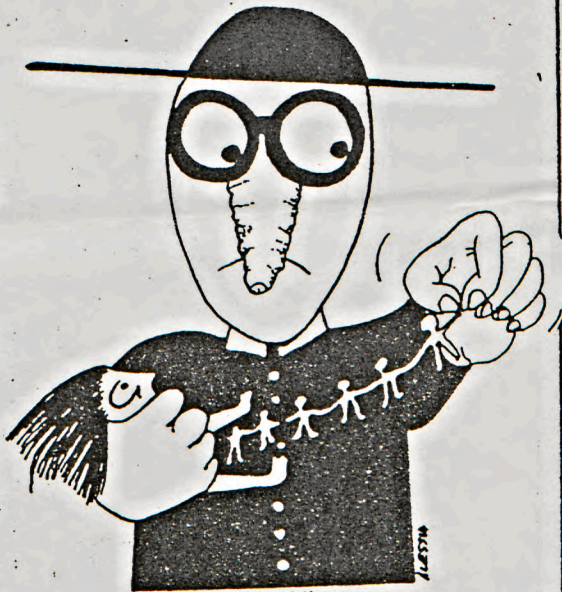
A História do Aborto

A questão de aborto é muitas vezes considerada uma questão moral, uma questão apenas da vida do feto, mas tem várias outras questões históricas, políticas e sociais que também precisam de atenção numa consideração do assunto. O aborto nem sempre era proibido como hoje em dia; na realidade aborto era aceito nas sociedades antigas e pre-industriais no mundo inteiro. Incluindo o mundo cristão. Também nas sociedades indígenas o aborto era conhecido e usado frequentemente; num estudo de 400 sociedades "primitivas" só tinha uma que desconhecia o aborto, e até hoje o uso de ervas é comum na nossa sociedade. Nas sociedades humanas primitivas, as mulheres usavam esse conhecimento de ervas, tanto anticoncepcionais quanto abortivas para controlar o número de filhos que ela tinha. A mulher era livre e tinha poder econômico e político dentro do clã e geralmente controlava a agricultura e a medicina. Mas enquanto a prática de aborto era livre dentro das sociedades primitivas. com o começo da propriedade privada e a formação do Estado, as mulheres foram perdendo sua independência e seu controle sobre os seus próprios corpos.

As atitudes sobre o aborto sempre tinham a ver com as condições econômicas do lugar. Quando as mulheres tornaram "propriedade" dos seus maridos, o feto também foi tratado como propriedade. Por exemplo, na lei hebraica eles não falam do aborto provocado pela mulher, mas condenam o aborto provocado pela violência, não como uma morte, mas como "um dano econômico contra o marido da mulher." Do mesmo modo, tanto na Grécia quanto na Roma antiga, o feto era considerado parte do corpo da mulher, e então parte da propriedade do homem. Geralmente o aborto era permitido (com a permissão do marido) porque era necessário para o controle de natalidade; os

todos apoiavam o aborto e até davam conselhos sobre métodos. Mas em alguns lugares na Grécia eles proibiam o aborto, como por exemplo em Macedônia, porque queriam criar um maior número de atletas e guerrilheiros. Assim os estados emergentes proibiam ou permitiam o aborto dependendo das necessidades deles, usando os corpos das mulheres como instrumentos de produção.

A crença da época era que o feto recebia alma, ou foi "animado" depois de 60 dias, e que até esse ponto era aceitável fazer aborto. Os cristãos pegaram essa mesma idéia e ficaram com ela até 1588 quando algumas correntes da igreja começaram a dizer que todos os abortos eram crimes. Mas essa mudança de ideologia não era apenas moral; durante essa mesma época, a igreja e o estado estavam conduzindo uma guerra contra as mulheres por razões políticas e a posição contra o aborto era apenas mais uma maneira de tirar o poder das mulheres. Alicia non Grata descreve as condições da época; "A maioria das pessoas tem ouvido falar da caça às bruxas, da Inquisição e outros crimes terríveis



comitidos no nome de "Deus", mas não fazem idéia de que a caça às bruxas dos séculos 14 e 17 não vinha de um "populacho louco", envenenamento de ergot ou comportamentos extremos levados pela superstição ou pelo medo, mas de planos bem-executados de extermínio com o objetivo de apagar o poder das mulheres e esmagar as revoltas do camponês.... A caça às bruxas era uma campanha bem-organizada, iniciada, financiada e executada pelo Estado e pela Igreja. As caças mais violentas eram associadas com períodos de motins sociais, agitação nos raízes do feudalismo, revoltas de massa e conspirações dos camponeses (e) o começo do capitalismo." Também tem evidência que em algumas áreas a prática de "bruxaria" representava na verdade uma rebelião dirigida pelas mulheres. Nessa época as

A Violência Contra a Mulher

Sem dúvida a violência contra as mulheres é uma das coisas mais preocupantes em nossa luta, pois ela tem tantas faces e distúrbios que acaba se tornando para muitas pessoas uma coisa normal. Ver mulheres machucadas e cheias de hematomas porque apANHARAM dos maridos se tornou, para muita gente, tão comum quanto assistir novela todos os dias. A violência, como já disse adquire tantas faces que vou tentar expor alguns casos mais evidentes e alguns quase imperceptíveis aos olhos de quem pouco enxerga.

Violência doméstica

A mulher casa-se, na maioria das vezes, acreditando que, longe das garras do pai será feliz e terá uma vida maravilhosa ao lado do seu príncipe escolhido e que juntos enfrentarão todas as barreiras e obstáculos que surgirem.

Só que, os casos que vemos, o príncipe nada mais é do que o sapo, a vida maravilhosa, um fogão e a barra pesada como cuidar de casa, lavar roupa, educar e criar os filhos só ficam nas costas da mulher. Não esqueçamos que a mulher tem uma grande parcela de responsabilidade nisso tudo, com a sua subsmissão contribui para que o patriarcado continue a dominar a sociedade, mas, justamente pelo patriarcado é que as mulheres, povoadas de instrução e cultura de liberdade aprendem apenas um caminho, que é o de servir ao marido e aos filhos. De tudo isso que falei nada, mas nada mesmo justifica a agressão que nós mulheres sofremos no dia-a-dia e são coisas que nunca amenizam e que estão sempre presentes em nossas vidas. No relacionamento "amoroso", a violência se torna encoberta pela sociedade, pois essa exige que a mulher sirva e satisfaça o homem com quem vive mesmo contra a sua vontade e a maioria delas se sentem violentadas mas acham que não tem o direito de protestar contra isso já que o homem é o marido/dono dela.

Alguns tipos de violência doméstica mais comuns que você pode identificar:



Violência física

- socos, pontapés, beliscos, mordidas, queimaduras, etc.
- ameaças com facas, revólveres, tesouras;
- deixa você sozinha quando está grávida, doente ou aborrecida;
- impede você de trabalhar;
- obriga você a fazer tudo sozinha: casa, roupa etc. e a responsabiliza pela educação dos filhos.

Violência emocional

- a humilha na frente e nas costas dos outros ou tempo inteiro;
- diz que você é uma mulher estúpida, burra, neurótica, gorda e feia;
- ameaça espancar você e seus filhos;
- impede você de ter amigos e de sair;

Violência sexual

- força você a praticar atos sexuais que não lhe agradam ou: sexo com sadismo;
- força você a ter relações quando você não quer ou quando está doente, colocando sua saúde em risco;
- critica e despreza seu desempenho sexual e aproveita para contar-lhe suas relações sexuais com outras pessoas.

Atos destrutivos

- quebra os móveis, revia a casa, joga suas coisas na rua, chuta as coisas;
- rouba e destrói seus bens pessoais, coisas importantes para você como roupas, fotos, etc;
- esconde ou destrói seus documentos.

Muitas mulheres só chegam a largar o marido ou tomar alguma providência quando essa violência chega ao limite máximo de cada uma delas. Na maioria das vezes tentam se enganar por várias razões:

- crença de que a violência é temporária, consequência de uma fase difícil que o marido está passando;
- medo das dificuldades econômicas que ela e seus filhos poderiam passar na ausência de seu marido;
- a pena que muitas tem do marido, pois ele "só é violento quando bebe";
- a vergonha de se expor publicamente como uma mulher espancada, humilhada, explorada e estuprada pelo marido.

Sobre o estupro

O estupro não ocorre somente nas relações "amorosas", ele está presente no dia-a-dia da mulher fazendo com que ela se sinta ameaçada constantemente.

É uma violência sexista, na qual o homem, através da força bruta busca humilhar, amedrontar e degradar a mulher.

Os homens que violentam as mulheres o fazem porque querem ter uma relação contra a vontade da mulher pois nisso está o prazer deles, querem demonstrar que eles têm o poder e elas nada significam.

A maioria das mulheres vítimas de estupro não se expõem com medo e vergonha do que possa acontecer. Muitas vítimas que se "ateveram" a ir a uma delegacia foram humilhadas pelos policiais, sendo obrigadas a ouvir gracejos e acusações ridículas que só fazem piorar a situação da mulher, frases como:

- mas, me diga, você não gostou mesmo nem um

pouquinho? ou -também com essa roupa, você esperava o quê? Já se tornaram comuns nas delegacias e entre a população.

Por pior que seja o estupro, sempre arrumam um jeito de jogar a responsabilidade disso na mulher, seja por causa do horário que ela estava passando lá, seja pela roupa que ela estava vestindo, seja pelo seu modo de andar, não importa, ela poderia ter evitado.

É como se o homem fosse um animal descontrolado, que, com cheiro de xoxota fica louco e não tem consciência das coisas que faz.

Numa escala de violência aceita passivamente pela população, temos por exemplo o assédio sexual, em que a mulher é vista como um objeto andando pelas ruas e fica ouvindo gracejos e piadas, olhares, gestos comentários impertinentes, contatos físicos desnecessários e todo tipo de insinuações de caráter sexual.



O que se tem feito em relação a isso? Vendo do governo, apenas a omissão e a aceitação do poder do macho, vindo de algumas mulheres com uma consciência de vida livre foram criados grupos de mulheres e/ou associações em que elas participam e se sentem bem.

Formou-se, após muitas lutas, grupos de apoio como a Casa Eliane de Grammont - que atende mulheres em situação de violência, Casa Aluíjo Helena Rosado - para mulheres em risco de vida, coletivos feministas como Sexualidade e Saúde, União de mulheres de SP Grajaú, União popular das mulheres, Centro de informação da mulher, Casa da mulher Lilith, Pró-mulher, Deusa Terra, todos com a

finalidade de instruir e ajudar as mulheres em seus problemas e lutas. Mas não basta a boa vontade e trabalho dos grupos, necessitamos do apoio e participação das pessoas envolvidas nessa luta. Temos que criar meios que possibilitem a mulher tornar-se a protagonista de sua vida e história. Somente quando as mulheres, ao tomarem consciência de que são vítimas, perceberem que podem se tornar donas de si, ter opiniões próprias e fazer opção por uma vida digna e pacífica é que se encontrará a luz no fim do túnel.

Valéria Bolevari

referências bibliográficas:
Cartilhas SOF - Sempre-Viva Organização Feminista
Casa Elaine de Grammont
enfoque feminista
CIM - Centro Informação Mulher

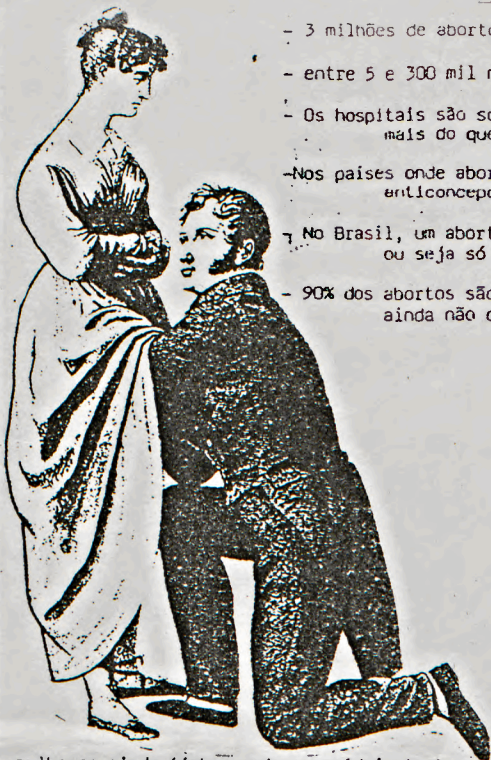
DUALIDADE

Será que há vida após a morte?
Ou há morte após a vida?
Será que a vida é um sonho?
Ou o sonho é uma vida.
Será que a liberdade gera esperança?
Ou a esperança que gera liberdade?
Será que o poeta se preocupa com o jardineiro?
Ou só com a beleza da flor...?
Será que a mulher dá a luz a outra vida?
Ou outra vida dá luz a mulher?
Será que ser mulher é padecer num paraíso?
Ou o paraíso subverte a mulher?
Será que para ser mulher é preciso ser dona de casa de verdade?
Ou, na verdade, a casa acaba sendo do na da mulher...?

(ROSANGELA)

"Já é bem-conhecido que o acesso diferenciado às armas sempre reflete relações de classe. Assim, nos sistemas escravistas ou feudais, nem escravo nem servo podia andar armado, pois isso era o privilégio dos 'homens livres' e subsequentemente dos senhores. Depois essa questão se tornou central nas revoluções dos trabalhadores e os burgueses, traumatizados pela Comuna de Paris e a queda do Palácio do Inverno, chegaram a temer que os trabalhadores possuíssem armas. Da mesma maneira, durante todos os períodos históricos, as mulheres têm sido submetidas a uma série de relações de classe cuja essência é evidenciada pelo fato que eles invariavelmente proibem as mulheres a andar armadas." Ou, como na nossa sociedade atual, convencem as mulheres que é perigoso, elas não precisam ou não são capazes de se defender.

— quotação *Nicole Chevillard e Sébastien Leconte*



- 3 milhões de abortos clandestinos são praticados no Brasil por ano.
- entre 5 e 300 mil mulheres morrem de aborto clandestino por ano.
- Os hospitais são sobrecargados de complicações de aborto, custando mais do que custaria um serviço de aborto.
- Nos países onde aborto foi legalizado junto com uma divulgação sobre anticoncepcionais, o número de abortos diminuiu.
- No Brasil, um aborto seguro é acessível por +/- 5 salários mínimos, ou seja só para mulheres ricas.
- 90% dos abortos são feitos nas primeiras 12 semanas quando o feto ainda não desenvolveu o córtex cerebral e não pode sentir dor.

MORTALIDADE POR 100.000 CASOS

Aborto legalizado	3
Esterilização	5
Parto	15
Aborto clandestino	50-150

e quase a América Latina toda, criminalizando o aborto nesses lugares.

Nesse período o estabelecimento médico falava que proibir o aborto era necessário para "proteger" as mulheres, porque o aborto era um procedimento perigoso, mas as razões reais eram todas políticas. A revolução industrial começou, e os EUA e a Inglaterra estavam iniciando a exploração da América Latina e precisavam de mais mão de obra. Nos EUA também o governo temia "um suicídio da raça branca" por causa que a natalidade estava caindo e o presidente T. Roosevelt falou "Temos que manter a pureza de raça, precisamos de mais nascimentos de brancos nativos". Outra razão importante para a proibição de aborto era que o capitalismo industrial crescente precisava de mulheres para trabalhar em casa sem renda, ou com extrema baixa renda fora de casa e para produzir a próxima geração. Sem aborto legalizado foi difícil para as mulheres evitarem essas intenções.

Mas as leis contra o aborto não eliminaram a necessidade nem a prática do aborto e no começo do século vinte, alguns lugares chegaram a permitir o aborto de novo, por causa dos protestos e da resistência das mulheres. Mas essa liberdade não durou muito tempo e por causa da grande perda de vidas durante a Primeira Guerra Mundial, a Europa Ocidental voltou para uma política natalista (contra aborto), e nos países fascistas como França, Itália, Espanha e Alemanha as leis ficaram severas, às vezes proibindo anticoncepcionais também, ou punindo aborto com pena de morte.

Nos anos 60 e 70 muitos países europeus e "comunistas" conseguiram o direito ao aborto através de movimentos populares ou a necessidade daquele país ter as mulheres trabalhando fora de casa mas a maioria dos países do mundo não dão esse direito - o direito ao aborto acessível e seguro, porque os fatos mostram que as mulheres fazem abortos, como sempre faziam, com ou sem legalização.

Mulheres ainda tinham poder considerável; elas eram as médicas do povo, elas tinham direitos de fazer leis (na Inglaterra) e elas se encontravam em grupos para discutir conhecimento das ervas, notícias e atividades políticas. O estado e a igreja entenderam que essa autonomia e poder eram contrários à força controladora deles e que destruindo o conhecimento médico do povo eles podiam controlar o povo. Eles então criaram a desculpa de heresia e mataram milhares de mulheres (das cerca de 100.000 pessoas massacradas na caça às bruxas, 85% delas eram mulheres).

Mas apesar de toda essa ideologia anti-mulher, a posição da igreja contra o aborto não se tornou oficial até 1869, quando o Papa Pio IV declarou todos abortos assassinos e a igreja católica começou sua luta contra o aborto. A data 1869 coincide com o final e oficialização da revolução científica que era outro movimento querendo tirar conhecimento e poder das mãos das curandeiras e parteiras para concentrá-lo dentro do estabelecimento médico. Não é surpreendente que o estado se posicionou contra o aborto ao mesmo tempo que a igreja. O primeiro foi Inglaterra em 1803, que até esse ponto permitia o aborto até a mulher podia sentir o feto mexendo no útero - aproximadamente 5 meses, e logo em 1828 os EUA seguiram o exemplo. Mesmo assim os abortistas continuavam a praticar com o apoio do público; os juízes recusavam a condenar as mulheres por praticar o aborto, mas essa solidariedade foi perdida nos passos do tempo. Os exemplos da Inglaterra e dos EUA influenciaram o resto da Europa

A posição contra o aborto mostra mais o fato de querer ter controle sobre a mulher do que uma interesse na vida- todos os massacres, guerras, pena de morte e assassínios pela polícia não chamam tanta atenção quanto aborto, mesmo que o feto nem tem a capacidade de raciocinar ainda, e muitas vezes não sente dor. O feto não é tão diferente do que um espermatozóide, um óvulo, ou um vegetal que também são seres vivos que matamos como uma parte do processo natural do corpo ou para nós mantermos vivos. Os anti-abortistas falam tanto de proteger a vida, mas não consideram as vidas das mulheres e de mulheres que morrem cada ano, elas sendo pessoas que realmente têm vidas já desenvolvidas e que muitas vezes têm dependentes que podiam ser deixados órfãos (a grande maioria das mulheres que fazem abortos no Brasil já têm filhos). A pessoa que realmente tem um interesse na vida também deve considerar as vidas dos menores abandonados, aqueles que não foram desejados ou vieram para mães sem condições de cuidar deles e então foram abusados ou jogados fora. Quem deseja uma vida de fome, frio e se sobreviver até adulto, de criminalidade por essas crianças? Provavelmente as mesmas pessoas que aplaudiram o massacre na Carandiru também têm uma posição contra o aborto. Não é melhor ter filhos só quando podemos lhes dar amor e alimentação? Obviamente, a questão de aborto não é uma de vida, mas como vimos na história de aborto, uma questão política de controle sobre as mulheres das classes baixas. O estado usa elas como máquinas de reprodução dependendo das necessidades dele e vemos que as mulheres ricas têm acesso ao aborto seguro (os ricos e as ricas nunca são submetidos às mesmas repressões que os/as pobres sofrem). A legalização do aborto é necessário para salvar as vidas das mulheres pobres que fazem abortos com ou sem condições seguras. A legalização do aborto deve ser acompanhada com uma campanha de informações sobre anticoncepcionais que também são importantes, pois nosso objetivo não é de aumentar o número de abortos que podem causar complicações e não são necessariamente muito agradáveis para a mulher. Mas, no mesmo tempo que os anticoncepcionais são importantes, esses métodos falham, e a mulher precisa de todas as suas opções, incluindo o aborto.



PELA LEGALIZAÇÃO DO ABORTO!
QUE TODAS AS CRIANÇAS SEJAM DESEJADAS!

Vilja Nilsen

QUOTACÕES

"É evidente que adiante este assunto não é a vida nem a morte o principal problema: o problema é o sexo. Por exemplo, para a mulher solteira, gravidez e aborto se vivem como castigo por ter tido relações sexuais 'indevidas', quer dizer, não aprovadas pela sociedade"

Giovanna Machado

"O corpo feminino é condicionado a ser apenas um instrumento da reprodução da espécie, ou seja, da reprodução da força de trabalho. A sexualidade, passando a ser função apenas de reprodução, é utilizada como instrumento de dominação; o corpo é um instrumento de produção, jamais de prazer."

Hildete Pereira de Melo

"foda-se o patriarcado"

Alicia non Grata

referências bibliográficas:

- Seqelas do Aborto Hildete Pereira de Melo
 Em Defesa del Aborto en Venezuela Giovanna Machado
 Que é o Aborto Frente de Mulheres Feministas
 Our Bodies Ourselves Boston Womens Health Collective
 (também existe em espanhol, Nuestros Cuerpos,
Nuestras Vidas)
 "Take Back Your Life" Alicia non Grata, do coletivo
 Profane Existence

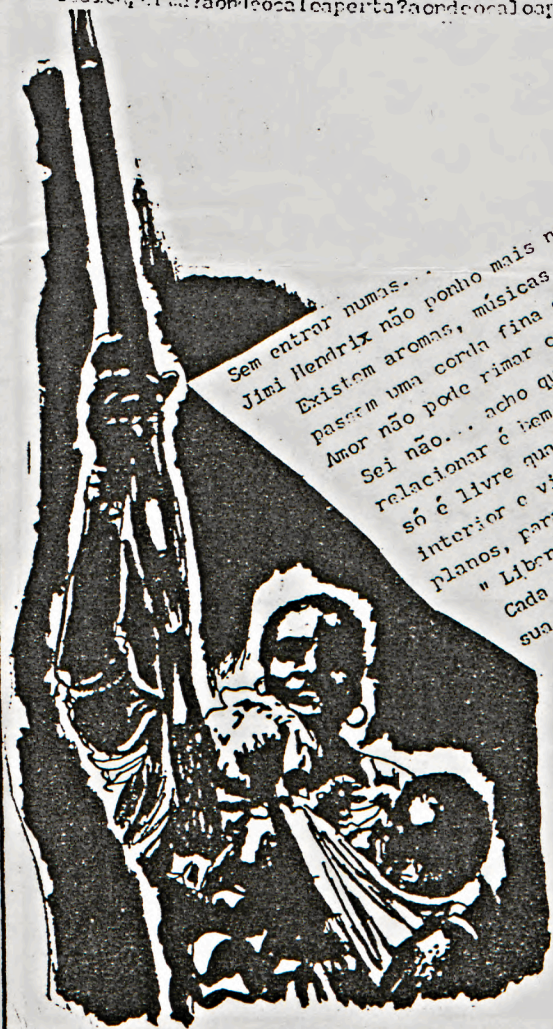
*Recebida ótimas propostas de confecção de fanzine á ní -
 vel nacional(sobre questões da opressão feminina,machismo ,
 família e patriarcado,em geral)de companheiras do Paraná e
 Santa Catarina.Quem estiver a fim de colaborar com textos ,
 com o andamento desse projeto e realmente tiver interesse '
 nessa luta,contacte conosco ou com elas.Endereço:

A/C MARI(J.L/PR)
 Cx.Post. 3395
 Curitiba - PR
 cep 82000/970

ELENICE PIVETE(MAP/SC)
 Cx.Post. 1088
 Florianopolis - SC
 cep 88010/970

Obs: Damos total apoio e participação neste projeto,mas '
 ele não está diretamente ligado ao CAF.

ondeocaloperta?ondeocaloperta?ondeocaloperta?ondeocaloperta?ondeocaloperta

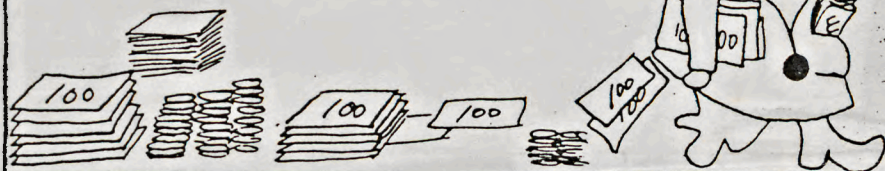


Sem entrar numas...
 Jimi Hendrix não ponho mais na radiola.
 Existem aromas, músicas e climas que
 passem uma corça fina e forte na garganta.
 Amor não pode rimar com dor, senão não é amor!
 Sei não... acho que essa coisa de se relacionar e de não se
 relacionar é bem mais complicada do que se pensa, a pessoa
 só é livre quando vive de acordo com a sua realidade
 interior e vida é o que acontece conosco enquanto fazemos
 planos, para depois po-los em prática.
 " Liberando não se pede, se conquista!"
 Cada Dom Quixote merece ter seu moine de vento,
 sua realidade, sua próp.ria magia... v.b.

ESTOU CONTRA O ABORTO...
... A VIDA É SAGRADA



ESTOU CONTRA A
LEGALIZAÇÃO DO ABORTO



TE CONDENO POR
ABORTO
POR ATENTAR CONTRA A
EXPANSÃO DA POPULAÇÃO
POR MATAR INOCENTES
POR ATENTAR CONTRA
A SOBREVIVÊNCIA DA
ESPECIE HUMANA
POR... POR... POR...



SE FOSSEM ELES
QUE FICASSEM
GRÁVIDOS
O ABORTO JÁ TERIA
SIDO LEGALIZADO